

ix. Prefácio à edição brasileira

xiii. Prefácio

17 Bem-Vindo

25 Ingressos, por favor

41 Personagens reais

51 Pedras falantes

69 Hiato de inverno:
quebrando os dentes

75 Desvele o mundo

O problema do mal e a inexistência de
101 Shakespeare: um artigo de Hamlet,
príncipe da Dinamarca

125 Hiato de primavera:
mentiras sobre borboletas

129 Sua mãe era um lagarto

147 O problema dos gatinhos:
fofura e beleza

167 Hiato de verão:
castelos de areia

171 Inferno: a conversa final

189 A história

201 Gratidão

205 Sobre o autor



PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Há diversos tipos de genialidade. Um é o tipo de gênio que nos desencoraja. Olhamos para sua aptidão exorbitante e nos vemos incapazes, pequenos, distantes. Nunca seremos como eles. Até desanima tentar. Há outro tipo de gênio, entretanto. O que nos faz querer ser melhores. O que nos inspira. O que nos faz perceber um tanto inadequados, mas nos faz aspirar ser cada vez melhores. Nathan David Wilson é desses. Outro genial escritor, David Foster Wallace, certa vez escreveu ao falar sobre o genial tenista Roger Federer: “Genialidade não é replicável. Inspiração, entretanto, é contagiosa e multiforme”.

Pois bem. É desses. Ler Nathan Wilson me deixa inspirado, contagiado. Muitos de nós fomos inoculados contra a maravilha da vida. Aprendemos a ver tudo em tons sérios, cinzentos, sóbrios. Wilson, todavia, insiste em nos mostrar que este não é um mundo sóbrio. É uma história impressionante, multicolorida e mais biruta do que supõe nossa vã filosofia.

Vivo recomendando este livro para todos, mesmo quando ele não existia ainda em português. Eu vivia empurrando a ideia de lê-lo mesmo com o esforço e estranhamento de outra língua. “Mas sobre o que é o livro?”, sempre me perguntam. Difícil explicar. Costumo responder algo meio nebuloso sobre ele versar a respeito de como ver a vida, o universo e tudo mais, e a referência a Douglas Adams mais confunde que ajuda. É um livro que desafia nossa taxonomia literária. Wilson é mais conhecido por sua (excelente) ficção, e este livro (bem como sua sequência, *Death by Living*¹) mostra um pouco sobre como ele vê o mundo, para que o possamos enxergar como ele. Uma leitura para açucarar e tingir sua cosmovisão.

¹ “*Morte por meio da vida*”. Futuro lançamento da Editora Monergismo. [N. do E.]

Pouco conhecido no Brasil, Wilson é um autor principalmente de ficção de certo renome nos Estados Unidos. Em português já temos uma de suas séries de livros sendo publicados, a trilogia dos “100 armários”. É uma linha de ficção divertida e muito instigante, que lida com um mundo fantástico e repleto de mistérios, mas ao mesmo tempo amarrado a nosso mundo. Estou louco para ler suas outras obras. Mal vejo a hora de que minha filha, ainda pequena, comece a ler seu material. Quem sabe uma boa editora não publica as outras obras dele em português, como a série *Ashtown Burials* [Enterros em *Ashtown*]?

Nathan é filho do pastor calvinista Douglas Wilson, um exímio e imaginativo escritor que por certo contribuiu bastante para formar seu coração e mente. Ele escreve tão bem ou melhor que o pai. Aliás, alguém já comparou o ainda jovem Nathan a uma espécie de Gilbert K. Chesterton calvinista. Claro que há um bom caminho ainda a percorrer para a alcunha ser de fato justa, mas seu estilo e capacidade de observação de maravilha e deslumbramento com o ordinário se assemelha muito à do velho escritor inglês. Douglas Wilson, o pai, sugere que uma das razões do caráter instigante da escrita de Nathan é sua capacidade de causar um estranhamento:

O truque é dizer o que sabemos de modo reconhecível, mas de forma um pouco diferente, de maneira que nos prenda a atenção. É como o truque que costumávamos fazer em nós mesmos quando crianças, quando ficávamos pendurados no sofá da sala de cabeça para baixo e víamos as coisas todas invertidas. Lá estavam as velhas coisas conhecidas, mas invertidas por completo. Estávamos em casa, reconhecendo tudo, mas ao mesmo tempo tudo era novo.²

² *Writers to Read: Nine Names That Belong on Your Bookshelf*. Crossway. Kindle Edition. (Kindle Locations 2177-2180)

Prefácio à Edição Brasileira

As leituras de Nathan Wilson surtem o mesmo efeito.

Nathan Wilson nasceu em 1978, o mesmo ano que eu. Isso me assombra. Quão longe estou dos feitos e da capacidade desse homem! Mas, em lugar de isso me paralisar, consigo vislumbrar possibilidades e seguir adiante. Amo lê-lo, pois ele me faz ver o mundo de um jeito diferente, e me faz querer crescer em meu deslumbre infantil.

Foram muitas as vezes que citei Wilson no púlpito. Minhas ovelhas ouviram com paciência longas citações deste livro imiscuídas em minhas tentativas de explicar e aplicar o verbo divino. Ele me ajuda a ver o mundo e as realidades redentoras com olhos deslumbrados de criança. Percebendo Jesus e o que ele faz pela ótica de uma criança maravilhada e um tanto atordoada pelo incessante girar de uma atração de um parque de diversões.

Aliás, o título do livro é difícil de traduzir. A ideia do autor é tentar ver o mundo, mas de maneira fragmentada e atordoante, como na ocasião em que as pessoas se encontram em um desses brinquedos de parque de diversões, que gira e gira, estica e puxa, tonteia e deslumbra. Um movimento de aparência aleatória, mas que no fundo mantém padrões escondidos.

Minha filha ama ir ao pequeno parque de diversões local. Ela conta quase 4 anos; por isso suas opções de brinquedos são muito limitadas quanto ao que poderia e gostaria de entrar. Eu sou limitado em relação ao que minhas costas aguentam. Mas há alguns brinquedos em que nossas possibilidades se sobrepõem. Um deles é uma pequena montanha-russa cujo trem é decorado em formato de minhoca. Nós o chamamos singelamente de minhoca-russa. A queda é de meros 2 metros, mas para minha filha é como se abrissem o chão e caíssemos até o núcleo terrestre. Gostamos ainda da “xícara maluca”. Ela gosta mais do que eu, que começo a ficar enjoado. Na semana passada, pela primeira vez, ela foi ao trem fantasma. Para mim, que já vi

muita coisa de assustar, nem deu muito medo. Mas para ela, foi apavorante passear no “brinquedo do fantasma”. Para minha surpresa, ao final, ela deu gargalhadas e pediu para ir de novo. O susto leva à risada. A vida é essa mistura. Coisas que nos deixam enjoados e que parecem movimentos aleatórios, mas há um padrão por trás. Coisas que nos assustam e mesmo no susto nos fazem rir. Coisas que nos fazem sentir como se o chão se abrisse e fôssemos devorados. O deslumbre e o espanto são parte do pacote. E no meio disso tudo risadinhas, sorrisões, gritinhos e mãos grudentas de algodão-doce dadas com firmeza. Filha e pai partilhando do susto e deleite da vida. Mamãe tirando foto.

Nathan Wilson, neste livro, vai segurar sua mão e convidá-lo a brincar com ele no parque de diversões da realidade. Você ficará um pouco enjoado, em alguns momentos, mas passa. Em outras horas o deslumbre tomará conta de você com algo que considerava ordinário. Em outras, seu desejo será mandar parar tudo — com lágrimas nos olhos. Pode ser que, como em um trem-fantasma, você leve alguns sustos. Haja o que houver, não solte a mão dele, não deixe de ler até o fim.

Tentei ao longo dos últimos anos convencer várias pessoas a ler este livro. Felizmente, agora publicado em português, vou poder presentear todo mundo e ficar cobrando a leitura. Por favor, leia-o. O preço do ingresso nem se compara com a abundância de diversão que você está para começar.

— **Emilio Garofalo Neto**

Brasília, 20 de fevereiro de 2017